

# A SUA MAGESTADE A RAINHA DE PORTUGAL DONA ESTEPHANIA.



HOMENAGEM.

37

**Q**UANDO em sons festivaes, pomposas galas  
 Portugal Te saudava reverente ;  
 Permite que por Teu fausto Consorcio  
 A Patria congratule, e Te saude !  
 E' solemne a homenagem que te off'reço  
 Por que é sincera, voluntaria e livre !  
 Impondo treguas a penosas lides,  
 Acudo ás vozes do geral contento,  
 Que o espaço atrôa festejando a vinda  
 De uma Rainha, um Anjo de virtude !  
 Galas não visto, qual viste outr'ora !  
 Da Sob'rana ao cortejo não pertenco ;  
 E ao Anjo de bondade vou curvar-me !  
 Salve ESTEPHANIA ! a fronte laureada,  
 Embora tinta em sangue dos espinhos,  
 ( De lusos vates a divisa infausta . . . )  
 Ante a virtude respeitosa inclino ;  
 E a homenagem Te off'reço de meus votos ;  
 De minhas affeições — puros incensos.  
 O Omnipotente Ser que os astros Rege,  
 Rege a terra e os destinos dos humanos :

O berço, a vida, a tumba — estão marcados  
Por Mão do CREADOR Suprema e Sabia!  
A Mão do Creador fadou Teus dias!  
De bençãos mil cubrio Teu nascimento;  
E no crescer dos annos mil virtudes,  
Co' as luzes da razão aprimoradas,  
Do manto regio Te fizeram digna!  
Parabens! . . . fulge a aurora de Teus dias! . . .  
Por consorte um Rei Sabio, Virtuoso;  
Por subditos — nação a mais briosa  
E a mais fiel — senão inda a mais culta! . . .  
Mas Tu podes, Senhora, engrandecel-a!  
Eis dos encargos Teus o mais brilhante!  
Eis o Teu Capitolio! . . . Eil-o o triumpho!  
Volve as vistas! . . . observa tantos entes  
Sedentos de saber! — abrão-se as fontes  
Que a sede ardente saciar-lhes podem!  
Tu Virtuosa e Sabia, Tu Rainha,  
De um Monarcha illustrado Esposa chara,  
Protege aquelles que saber anhelam,  
E de saber carecem, porque á Patria  
Possam servir, e honrar o Soberano.  
Teu Regio Esposo começou a empreza;  
Tu, Senhora, prosegue-a corajosa!  
Elle é Pae, Tu sê Mãe beneficente.

Não Te imploro por mim; trilhei caminho  
Que o genio me apontou; e só no mundo,  
Luctei co' a tempestade em mar de escolhos;  
Atravessei desertos espinhosos;  
Cumprí alta missão! . . . julguei cumpril-a!  
Julguei descanso ter proximo á campa!  
Enganei-me! — Esta cruz, a cujo peso  
Sinto estalar-me o coração no peito,  
E o sangue em jorros misturar-se aos prantos  
Regando a terra que hade sepultar-me!  
Esta cruz! . . . oh! . . . não podes arrancar-m'a!

E' força que se cumpra! . . . mas . . . quem sabe! . . .

Quem sabe se este dia que aos Teus dias

Descerra alto porvir co' a chave d'oiro,

Signalado será por meus destinos! . . .

Quem sabe! . . . espesso veo cobre o mysterio!

Sondar arcanos do porvir, quem ousa?! . . .

E o meu porvir, Senhora, que Te importa! . . .

Seja qual for, só compaixão Te inspire.

Não Te invoco por mim, nem por meus filhos;

Invoco pela Patria que te adopta,

Alta beneficencia — Regio amparo.

Nada mais posso que pedir! . . . lembra-la

No meio das angustias que me aneam,

E' muito amor por ella! . . . e mais ainda

E' grande confiança em Ti, Rainha!

Ah! perdoa, se em dia jubiloso,

Cingindo escuro manto me approximo

Ante o regio esplendor que Te circunda!

Qual sombra triste que entre os vivos passa

E pede uma oração; taes meus lamentos

Percorrem junto aos cantos e harmonias.

Mas não tenho outra voz; e esta vem d'alma!

Os dias Tens mais puros luminosos

Hoje surgem, Rainha! . . . o Ceo te escuda,

E de flores Te junca o Solio Augusto!

— *Qual Esposa serás Mãe venturosa!* . . . —

Esta voz é do Ceo, e o Ceo não mente! . . .

Ao Nome Teu de Portugal a historia

Padrões hade irigir de eterna gloria!

**D. Antonia Gertrudes Pusich.**

